

PERCURSOS DE CLARICE

Nádia Battella Gotlib¹
nadia.gotlib@gmail.com

Resumo:

Este texto propõe uma leitura do perfil artístico de Clarice Lispector mediante a consideração de seu contato com várias culturas: a tradição cultural judaica, a cultura nordestina brasileira, o ambiente cultural carioca. Considere-se, ainda, o seu contato ainda que temporário com a cultura de muitos países onde viveu como esposa de diplomata - Itália, Suíça, Inglaterra, Estados Unidos. O resultado desse conjunto múltiplo e diversificado mostra diferentes reações da escritora, ao longo das suas seis décadas de vida. Pretende-se acompanhar esses percursos, com o objetivo de se observar os sinais de reserva e de silêncios no que se refere a sua tradição judaica; os de não adaptação a modelos de vida oficiais e burocráticos. Mas o que, na verdade, permanece, ao longo da sua produção literária e jornalística, é uma experiência de exílio e de busca incessante de pertencimento a um território, busca que se revela impossível, na medida em que a sensação experimentada pela escritora, afinal, é a de pertencer a nada e a ninguém.

Palavras-chave:

Clarice Lispector; Literatura e Exílio; Cultura Judaica; Diplomacia Brasileira.

Muitos autores que compõem o conjunto de nossa literatura brasileira dos tempos modernistas – entendendo-se por tempos modernistas o nosso século XX a partir da década de 1920 - andaram pelo mundo afora. Oswald de Andrade foi um deles. Com ou sem Tarsila do Amaral, uma de suas tantas esposas, perambulou desde sua mais tenra mocidade pela Europa, assimilando a vida vibrante dos artistas reunidos em Paris, sempre entusiasmadíssimo com as novidades francesas provindas da arte dos que ali se reuniam – como Jean Cocteau, Constantin Brancusi, Blaise Cendrars, por exemplo. Eram, no entanto, viagens temporárias: reduzia-se a um ir e vir, cruzando o Atlântico em primeira classe de navios de luxo para respirar o ar dos novos tempos de ebulição da arte Modernista.

Pode-se afirmar que a travessia que faz Clarice Lispector é de diferente índole. Quando a década de 1920 desponta, Clarice estava nascendo, no seio de família de judeus: em

¹ Professora livre-docente de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da USP.

10 de dezembro de 1920. Vem, sim, de lá para cá: ainda recém-nascida, vem de longe, do Leste europeu. E depois, adulta, vai de cá para lá, mas para acompanhar o marido diplomata e por isso mora em diferentes países: Itália, Suíça, Inglaterra. Em seguida, passa mais alguns anos nos Estados Unidos. Resumindo: como esposa de diplomata vive fora do país cerca de quinze anos (de julho de 1944 a junho de 1959).

Como esse circuito internacional repercute na experiência de vida e obra de Clarice Lispector? E que importância teriam tido tais viagens para reforçar o seu repertório ficcional?

A primeira viagem

A especificidade dos percursos de Clarice aparece logo na sua marcante primeira viagem: da Ucrânia, onde nasceu, até o Nordeste brasileiro, até Maceió, onde a família desembarca em março de 1922. Mas vem como passageira de terceira classe de navio em que se amontoavam imigrantes judeus pobres. "...devíamos ter todos a cara dos imigrantes de Lazar Segall", afirma Clarice, numa de suas crônicas.²

Clarice nasce já viajando. Nasce quando os pais passavam por uma aldeia chamada Tchetchélnik (pronuncia-se acentuando o segundo e), vindos de Gaicin, aldeia dessa mesma região, onde a família Lispector morava: o pai, Pinkous (Pedro), a mãe, Mânia (Marieta), a filha mais velha, Leia (Elisa), a do meio, Tania, a mais nova, Haia (Clarice). E nasce quando se dirigiam para a fronteira com a atual Moldávia, próxima à atual Romênia, em viagem de exílio, rumo às Américas: ou do Norte, ou do Sul.

Depois de muita violência causada por pogroms (massacres de judeus), o pai decidira emigrar. Uma irmã de Mânia, mãe de Clarice, encontrava-se já no Brasil, em Maceió. Aguardavam, nessa altura, uma carta de chamada que lhes possibilitaria entrar em território brasileiro. Por isso partiram, deixando para trás as boas lembranças dos tempos de abundância, sobretudo na casa dos pais (avós das três meninas Lispector) e

² Clarice Lispector, *Viajando por mar*. *Jornal do Brasil*, 5 jun. 1971; Clarice Lispector, *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p. 545.

as más lembranças das brutalidades cometidas por várias forças políticas em lutas internas e externas.

Observe-se que, nesse período pós-revolução de 1917, os ucranianos, russos do Sul, recebiam não só avalanche de russos brancos, monarquistas, adeptos do czar Nicolau II (morto com a família em 1918), expulsos do norte pelos bolcheviques, quanto os próprios bolcheviques, os vermelhos, que procuravam reintegrar territórios que haviam sido invadidos pelos alemães, durante a primeira guerra, com apoio de forças revolucionárias anticomunistas. Tentavam assim uma reunificação da Ucrânia dividida numa guerra civil entre as forças favoráveis a uma russificação promovida pelos soviets e forças nacionalistas anticomunistas. Havia ainda a violência, com pogroms, praticada por grupos anarquistas. E por cossacos. Ou seja, os judeus da Ucrânia eram alvo de violência por forças diversas.

Clarice nasceu em meio à violência, ouvindo ídiche falado pelos parentes mais próximos, que também falavam russo – ou ucraniano? E seguiu viagem ouvindo várias línguas, quem sabe guardadas num inconsciente: a família cruzou a fronteira com a Romênia, onde conseguiu passaporte em Bucareste; viajou talvez de trem passando pela Hungria, e pela atual República Tcheca, e pela Alemanha, até Hamburgo, onde tomou navio rumo ao Brasil. Sem pisar o chão, Clarice atravessou a Europa – de Leste a Oeste.

No decorrer dessa saga familiar, os Lispector lutaram contra adversidades – epidemias, internações em hospitais, trabalhos temporários para conseguir alimento. A mãe de Clarice sofria já de paralisia, que seria progressiva, até morrer, em Recife, numa cadeira de rodas, sem poder se movimentar.

Elisa Lispector conta a história da família num romance de teor autobiográfico intitulado **No exílio**, publicado em 1948.³ E num texto autobiográfico ainda inédito,

³ Elisa Lispector, **No exílio**. Rio de Janeiro, Pongetti, 1948; Elisa Lispector, **No exílio**. 2 ed. Brasília, Ebrasa/Instituto Nacional do Livro (INL), 1971; Elisa Lispector, **No exílio**. 3 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2005.

intitulado **Retratos antigos**, informa qual foi a doença da mãe: vítima de trauma (contusão) causado por violência durante um pogrom, a mãe sofre de hemiplegia (paralisa de metade do corpo causada por trauma ou choque violento, provavelmente uma queda ou mesmo um baque violento no cérebro).⁴ Num outro texto autobiográfico, intitulado **Exorcizando lembranças**, Elisa completa o diagnóstico, ao afirmar que a mãe sofria de mal de Parkinson com tremores no corpo.⁵

Do nascimento de Clarice (dezembro de 1920) até conseguirem passaporte (janeiro de 1922) passaram-se 13 meses. Até a chegada ao Brasil, passaram-se 15 meses: um ano e três meses. É essa a idade de Clarice quando chega a Maceió, em Alagoas.

Cinco anos depois já estariam de mudança para nova cidade: Recife. Essa segunda viagem de Clarice, de Maceió a Recife, insignificante em relação à distância percorrida durante a primeira, será refeita algumas outras vezes, de trem, para participar de festas de família e visitar os parentes que lá haviam deixado.

Com uma ascendência pesada, pela intensidade do sofrimento causado pela miséria e adversidades na viagem de exílio, e pela densidade cultural da tradição judaica, sólida nas suas propostas e nos hábitos e costumes religiosos, Clarice inicia seu período de formação intelectual escolar. Primeiro, em Recife. Depois, no Rio de Janeiro, a partir de 1935, quando já sem a figura da mãe, falecida cinco anos antes, a família se muda para o Rio de Janeiro.

É no Rio de Janeiro que Clarice inicia sua atividade literária, em 1940, publicando contos em periódicos cariocas. Se a cultura judaica não se perde – manifesta-se em temas e passagens bíblicas, na percepção do mundo de modo sensível a questões filosóficas – o que se depreende de Clarice no seu período de vida adulta é uma provável intenção de não se manifestar sobre o assunto.

⁴ Elisa Lispector, **Retratos antigos**. 28 laudas datilografadas com anotações manuscritas. Rio de Janeiro, s. d. P. 19. (No prelo, pela editora da UFMG).

⁵ Elisa Lispector, **Exorcizando lembranças**. Em: **O tigre de bengala**. Rio de Janeiro, José Olympio ed., 1985, p. 58.

Estuda Direito, namora colega da faculdade, naturaliza-se brasileira, casa-se com o diplomata Maury Gurgel Valente. Enquanto a vida profissional do marido continua, nesse período em que morou fora, de 1944 a 1958, com pequenas interrupções marcadas por breves temporadas no Brasil, a vida da escritora tenta sobreviver à angústia de estar longe do Brasil, à saudade das duas irmãs – Elisa e Tania – à dificuldade que sentia de escrever, nas circunstâncias da vida que escolhera, ao lado do marido. E que, por fim, não conseguiria preservar. Depois de quinze anos de casamento, separa-se e volta dos Estados Unidos com os dois filhos, passando a morar, de novo, e até sua morte, no Rio de Janeiro.

Outros percursos

Impossível ficar imune ao contato com tantos e tão diferentes lugares: cidades, aldeias, pontos turísticos, rios, monumentos, jardins, ou seja, histórias, que Clarice acumula, ao longo dos anos.

Se, desde pequena, ouvia os sons de várias línguas por onde, carregada, ia passando, é inegável que tais sons de certa forma podem ter repercutido na sua escrita. E se, por ocasião do seu casamento com Maury Gurgel Valente, a viajante já havia passado por vários países e cruzado o Atlântico, depois de casada outros sons irão se incorporar a esse filão de experiência, mediante percursos que ganham nova formatação, de cunho social: viaja como esposa de diplomata, em navio de primeira classe, e de avião.

Em relação ao passado judeu, apenas o silêncio. Isto é, quase o silêncio, já que menciona esse passado uma vez só, quando afirma que é judia, sim, mas “não acredito nessa besteira de judeu ser o povo eleito de Deus. Não é coisa nenhuma.”⁶

São várias as possíveis causas desse silêncio. Poderíamos aventar hipóteses, fazer conjeturas, apenas conjeturas. O passado foi triste, por isso convém esquecer.

⁶ Clarice Lispector, em entrevista concedida a Edilberto Coutinho. *O Globo*, 29.04.1976. Cf. Edilberto Coutinho, *Criaturas de papel*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980, p. 168.

Encontra-se casada com diplomata, para isso teve de solicitar ao governo brasileiro, sua naturalização e não convém, pois, lembrar o passado judaico. Mesmo porque em anos de Estado Novo, Getúlio Vargas mantinha uma política ambígua em relação aos judeus e seria prudente calar-se. Acrescente-se que Clarice, casada, chega a Nápoles em plena II grande Guerra Mundial, depois que a cidade tinha sido alvo de ataques nazistas. A ameaça dos países do Eixo continuava e os soldados da FEB caminhavam para o norte onde iriam lutar até vencerem os alemães em Monte Castelo. Além disso, estava longe dos parentes e dos rituais religiosos judaicos por eles praticados no Brasil.

Os contatos de Clarice ao longo desses anos de exílio voluntário junto ao marido se voltam para alguns escritores diplomatas e alguns amigos e amigas. O circuito social e intelectual é bem diferente do de sua infância e adolescência pobre. Também é diferente do que manteve no Rio de Janeiro, no início dos anos de 1940, quando conheceu e conviveu com Lúcio Cardoso, homossexual assumido e a primeira grande paixão de Clarice. E também nesse mesmo período conviveu com Octavio de Faria, Francisco de Assis Barbosa, Ledo Ivo. Outros haveriam de ser incorporados ao time de grandes amigos, ao longo da década de 1940: Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Hélio Pellegrino.

Antes de viajar para a Europa, passa alguns meses em Belém. Lá convive com um professor, Francisco Paulo Mendes, que lhe recomenda leituras e lhe empresta livros. Não haveria de se esquecer desse professor ao longo dos anos e quando o revê, em 1976, esboça sorriso largo, pouco frequente, aliás, no vasto repertório de fotos da escritora que nos ficaram.

A vida lhe oferece também a companhia de alguns jornalistas, enquanto mora em Nápoles, de 1944 a 1946. Rubem Braga e Joel Silveira, correspondentes de guerra, vão visitá-la, após horas e horas de viagem num jipão, desde o norte da Itália, onde os soldados da FEB se encontravam acampados, até a cidade de Nápoles, ao Sul de Roma.

Clarice encontra-se também com diplomatas artistas, ora em Paris, aonde vai algumas vezes, ora em Berna, onde mora de 1946 a 1949: marcam sua presença o desenhista e escultor Alfredo Ceschiatti, o escritor Ribeiro Couto, o também escritor Raul Bopp.

E, também nesse período, firma amizade com Bluma Wainer, esposa do jornalista Samuel Wainer. Aliás, é Bluma que tira fotos de excelente qualidade de Clarice, fotos que registram, com acuidade e sutileza, esse seu período de beleza esplendorosa. Mas também de muita angústia. Aos poucos vai se conscientizando de que esse lugar, o lugar da vida diplomática, não era bem o seu lugar.

Uma das fotos tiradas nessa época mostra bem a cisão vivida na época por Clarice. Nas escadarias da Seminarstrasse 30, que abrigava a Legação Brasileira, então nas mãos do ministro Mário Marques Moreira, um bloco coeso de pessoas faz pose e olha para o fotógrafo.⁷ Lá estão o ministro, sua esposa e seus quatro filhos, além de mais dois casais de diplomatas. Também ali está o marido de Clarice, de bigode, com a cabeça ligeiramente voltada para a sua esquerda, com a testa parcialmente escondida pelas penas do chapéu da anfitriã, dona Noêmia, esposa do Ministro. Bem no alto, Clarice. Dela, só aparece o rosto, de olhos fechados, cabeça voltada para cima, iluminada, mas...num outro mundo. Quem sabe o mundo de sua ficção.

O mal-estar causado por essa vida deslocada do centro de interesses da escritora, intensificado por períodos de parca produção literária, ou por outros, em que não consegue nada escrever, se por um lado provoca transtornos psicológicos, por outro acabará estimulando, trinta anos depois, a escrita de algumas crônicas de alto nível de qualidade estética. É o caso da série de crônicas sobre Berna, de que resalto “Lembranças de uma fonte, de uma cidade”, em que descreve a rotina angustiada de sua vida em Berna, quando morava na Gerechtigkeitsgasse (Rua da Justiça), na parte antiga, medieval, da cidade, em rua cercada de arcadas de ambos os lados, no meio da qual se levantava a estátua a que faz referência no título. Trata-se de uma das mais

⁷ Esta foto encontra-se reproduzida em: Nádya Battella Gotlib, *Clarice Fotobiografia*. São Paulo, Edusp/Imesp, 2008, p. 251.

belas crônicas de Clarice que se inserem no repertório que poderíamos considerar como sendo também o de literatura de viagens.⁸

A vida em Torquay, na Inglaterra, segue um ritmo monótono, sem grandes lances, com a atividade ainda dividida entre o marido, o filho, a casa, a literatura. E nos Estados Unidos, durante os quase sete anos em que lá vive, terá um consolo: além das recepções da embaixada, terá a companhia fiel e acolhedora de Mafalda Veríssimo, esposa do escritor Érico Veríssimo. O casal lhe dá sólido apoio.

Quando decide voltar para o Brasil, levará consigo, além dos dois filhos, uma experiência cultural internacional múltipla e diversificada.

Uma viagem de volta a Clarice

Durante o processo de elaboração de uma fotobiografia de Clarice, não poderia imaginar que esse projeto me levaria até tão longe: a aldeia onde Clarice nasceu, na região da Podólia, perto da fronteira com a Romênia, e do que antes se chamou Bessarábia e hoje se chama Moldávia.

É bem verdade que, até esse momento, já conhecia os outros lugares onde Clarice morou. Dados dessas viagens encontram-se disseminados ao longo da biografia de Clarice que terminei em dezembro de 1993 e que foi parcialmente publicada, em 1995, com o título de *Clarice, uma vida que se conta*.⁹ Mas vamos até a Ucrânia.

Para isso contei com a ajuda da Embaixada do Brasil em Kiev, que me disponibilizou um intérprete e me apresentou um motorista de táxi que poderia me levar até essa região.

⁸ Clarice Lispector, Lembrança de uma fonte, de uma cidade. *Jornal do Brasil*, 14.02.1970; *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p. 411-412.

⁹ Nádía Battella Gotlib, *Clarice, uma vida que se conta*. São Paulo, Ática, 1995. (Veja-se a última edição em português: Nádía Battella Gotlib, *Clarice, uma vida que se conta*. 6 ed. rev. e aum. São Paulo, Edusp, 2009. E edição em espanhol: Nádía Battella Gotlib, *Clarice, una vida que se cuenta*. Buenos Aires, Adriana Hidalgo, 2007.

Por sorte, o motorista saiu da via expressa e...errou o caminho. Foi uma excelente oportunidade de poder ver de perto os camponeses nas suas telegas, indo para o trabalho no campo amarelo de plantações, as cegonhas no alto dos postes de iluminação, as casas dos camponeses com ramos e flores em relevo no cimento das paredes da frente, os poços comunitários coloridos, as cores vivas das roupas...

Ao chegar, tive acolhida calorosa do prefeito, que preparara um farto e delicioso almoço, regado a vodka, que, em meio ao calor, e por sugestão dos hospedeiros, bebíamos, num copo como os de pinga, a cada prato novo que nos chegava à mesa, acompanhado de um brinde que, a cada dose, tornava-se mais e mais entusiasmado.

Na aldeia, apenas uma rua principal, com algumas secundárias. De monumental, apenas um prédio: as ruínas de uma grande sinagoga, que mostra a importância da religião judaica desde o século XIX até inícios do século XX. No mais, uma igreja católica de tradição polonesa. E o prédio da prefeitura, onde funciona hoje a biblioteca da cidade. E onde foi colocada uma placa em homenagem a Clarice, em 2002, por sugestão da Embaixada do Brasil na Ucrânia e com o apoio da prefeitura da cidade de Tchetchélnik.

Na placa em bronze, o perfil desenhado de Clarice, com base em foto tirada no início dos anos 1960. E dados biográficos em português, de um lado; e em ucraniano, do outro. Clarice aparece, uma vez mais, dividida em duas faces culturais. A placa poderia incluir ainda as outras faces de Clarice, algumas das quais anteriormente mencionamos: o seu perfil de mulher mãe, esposa de diplomata, moradora de aldeia medieval suíça, mulher de alta classe a receber convidados na Embaixada do Brasil em Washington, e mulher contista, romancista, cronista, colunista, jornalista, tradutora...

Quando cheguei à biblioteca, fui recebida pelas professoras do ensino elementar. Vieram me cumprimentar comovidas por conhecerem alguém do Brasil, terra para onde foi a escritora que ali havia nascido. E lamentaram o fato de não haver em russo

a tradução de nenhum livro de literatura infantil escrito por Clarice Lispector, para que os pequenos conterrâneos pudessem ler.

Na biblioteca pobre, com chão de tábua gasta e furada, com poucos volumes espalhados pelas estantes quase vazias, a presença forte e idealista daquelas mulheres teve efeito imediato: essa manifestação de apreço cativou minha atenção e o meu respeito. Havia ali a presença forte de Clarice.

Não sei se para o seu bem ou seu mal. Afinal, Clarice nunca quis pisar o chão da Ucrânia desde que de lá saiu. Recusou-se a voltar lá, quando lhe ofereceram essa oportunidade, por ocasião de uma viagem que fez à Polônia, de férias com os dois filhos, em visita ao ex-marido, então embaixador em Varsóvia.

Mas o destino fez o que quis. Levou Clarice para sua terra natal, depositou-a ali, inerte, fria, no bronze, que exibe duas faixas de informação – uma, gravada na sua língua natal, o ucraniano – e outra, na língua em que aprendeu a falar e em que foi alfabetizada, o português. Faltou aí uma terceira fala – o ídiche, para marcar a força da tradição cultural judaica.

Nesse percurso, que começa em Tchechélnik e termina em Tchechélnik, o fio de sua voz nos leva a uma multiplicidade de agentes culturais que interagem, nacional e internacionalmente, como se apontassem sempre para a impossibilidade de fixação. Para Clarice, foi impossível encontrar um território que considerasse seu.

Embora afirmasse que devia ao Nordeste as comidas de que gostava e certas expressões da fala, o movimento traçado pelos percursos que fez ao longo da vida evidencia duas linhas, que se desdobram sempre em outras, sem nunca se fecharem. De um lado, percursos que se sucedem, pelo globo afora. De outro, a busca incessante de um lugar nunca encontrado, jamais alcançado. Ou seja: uma experiência de não pertencer a lugar nenhum.

Eis o que afirma, numa de suas crônicas mais lidas, intitulada ***Pertencer***:

“Um amigo meu, médico, assegurou-me que desde o berço a criança sente o ambiente, a criança quer: nela o ser humano no berço mesmo já começou.

Tenho certeza de que no berço a minha primeira vontade foi a de pertencer. Por motivos que aqui não importam, eu de algum modo devia estar sentindo que não pertencia a nada e a ninguém. Nasci de graça.

Se no berço experimentei essa fome humana, ela continua a me acompanhar pela vida afora, como se fosse um destino.

(...)

A vida me fez de vez em quando pertencer, como se fosse para me dar a medida do que eu perco não pertencendo. E então eu soube: *pertencer é viver*. Experimentei-o com a sede de quem está no deserto e bebe sôfrego os últimos goles de água de um cantil. E depois a sede volta e é no deserto mesmo que caminho.”¹⁰

Talvez a sua competência na observação das coisas desse mundo se deva justamente a essa capacidade de estranhamento, de enxergar sempre o de-dentro e o de-fora das coisas, em diferentes perspectivas, passando por diferentes horizontes culturais nacionais brasileiros e internacionais. Mas essa visão múltipla não teria bons resultados se a escritora não fosse capaz de manipular com talentosa sutileza a construção da linguagem narrativa. A combinação de tais ingredientes acaba sendo responsável pela eficácia de seus textos, tanto os de teor mais jornalístico quanto os de caráter acentuadamente ficcional.

Cabe a nós, leitores, saber acompanhar essas andanças da escritora pelo mundo, sabendo enxergar o que ali está, à nossa frente, ora com explícita evidência, ora a partir das sugestões e silêncios mascarados nas entrelinhas.

¹⁰ Clarice Lispector, *Pertencer. Jornal do Brasil*, 15.jun.1968; Clarice Lispector, *A descoberta do mundo*, p. 151-153.